

**ENTRE ILHAS E OUTROS INSULAMENTOS:
A POESIA DE AL BERTO E SOPHIA DE MELLO BREYNER
ANDRESEN**

Kenedi Santos Azevedo¹

RESUMO: O presente trabalho analisa poemas diversos da obra poética de Al Berto e Sophia de Mello Breyner Andresen, buscando entender de que forma esses poetas utilizam a imagem da *ilha* em seus versos. No processo de apreciação dos textos desses escritores acionam-se estudiosos, teóricos e outros autores da literatura portuguesa, no intuito de embasar os argumentos levantados no decorrer deste ensaio, além de aproximar a poesia de Al Berto e de Sophia, trazendo para o debate aspectos da tradição e a desconstrução de mitos e símbolos da cultura, realizando ainda uma reflexão acerca do insulamento, isolamento, solidão, aprisionamento, liberdade, insinuados por esse elemento natural, de modo especial quando colocado em tensão com a vida moderna na cidade.

Palavras-chave: Al Berto. Sophia Andresen. Insulamentos.

**AMONG ISLANDS AND OTHER ISULATIONS:
THE POETRY OF AL BERTO AND SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN**

ABSTRACT: This paper analyzes several poems from the poetic work of Al Berto and Sophia de Mello Breyner Andresen, seeking to understand how these poets use the image of the island in their verses. In the process of appreciation of the texts of these writers, scholars, theoreticians and other authors of Portuguese literature are used, in order to support the arguments raised during this essay, and to approach the poetry of Al Berto and Sophia, bringing to the debate aspects of tradition and the deconstruction of myths and symbols of culture, making also a reflection on the *insulation*, isolation, loneliness, imprisonment, freedom, insinuated by this natural element, especially when placed in tension with modern life in the city.

Keywords: Al Berto. Sophia Andresen. Insulations.

Introdução

“A ilha evoca o refúgio. A busca da ilha deserta, ou da ilha desconhecida, ou da ilha rica em surpresas, é um dos temas fundamentais da literatura, dos sonhos, dos desejos” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009). Essas são algumas das variações simbólicas que o

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (UFAM). Professor Temporário de Literatura na Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: kenedi.santosazevedo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6795-4616>.

espaço insular propicia, principalmente quando inserido no âmbito das narrativas ficcionais ou mesmo expresso nos versos de um poema. O imaginário em torno desse elemento levanta questionamentos acerca da relação do ser humano com a natureza; conduz a debates de aspectos estéticos quando pensado na relação do ser humano com as demandas artísticas; em última instância, as imagens, as metáforas, os mitos e os significados germinados a partir desses processos todos reservam interpretações da coletividade ou individualidade do ser humano.

No caso deste trabalho, em específico, busca-se verificar de que forma as múltiplas imagens da *ilha*, apresentadas em versos de Al Berto e Sophia de Mello Breyner Andresen, convergem para o mesmo campo semântico; além de apontar a estreita relação com outras *ilhas* de outros escritores portugueses, fazendo também um retrospecto histórico-literário, na medida em que se aciona uma análise, no primeiro momento, diacrônica; em seguida sincrônica, dos tipos de ilhas, apresentados na literatura, e sua estreita afinidade com outros elementos como o *mar*, o *ar*, a *praia* e a *casa*.

Para tanto, são acionados textos que versem sobre esse elemento, quais sejam, *Ilhas e mares: simbolismos e imaginários*, em que Carlos Diegues afirma ser o mundo insular “um símbolo polissêmico, com vários conteúdos e significados que variam de acordo com a História e as sociedades”, porque segundo o teórico, há ainda “Mundos em miniatura, centro espiritual primordial, imagem completa e perfeita do cosmos, inferno e paraíso, liberdade e prisão, refúgio e útero materno” (DIEGUES, 1998, p. 1), todos ligados a esse microcosmos isolados, isolantes, solitários. Além de *Mitologia grega*, de Junito Souza Brandão, sem deixar de lado o *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, numa tentativa inicial de leitura dos poemas de Al Berto e Sophia, aproximando-os enquanto poetas que desenvolvem um discurso em que esses aspectos de isolamento se configuram de forma plausível.

Na mitologia grega, o labirinto para aprisionar o Minotauro, que fora construído por Dédalo na Ilha de Creta, torna-se o lugar de abrigo do monstro, sem deixar de lado a ideia de que esse espaço “retrata o ‘homem’ mais ou menos secretamente habitado pela tendência perversa da dominação” (BRANDÃO, 2011, p. 170); pode ainda simbolizar o exílio, o inconsciente, a prisão e a perdição. A *Odisseia* narra em versos as aventuras de Ulisses voltando, depois de combater por dez anos na guerra de Troia, a Ítaca – das numerosas ilhas gregas, a mais mítica de todas, agora símbolo da viagem de quem partiu e retorna para a terra natal.

Dando um salto no tempo, especificamente no século XVI, particularmente em *Os Lusíadas*, encontramos a Ilha dos Amores, episódio em que os lusitanos marinheiros são

revestidos de heroísmo e de onde a deusa Tétis mostra a Vasco da Gama, a Máquina do Mundo; simboliza o amálgama entre o divino e o carnal, a supremacia e a decadência, o ápice de uma longa jornada de retorno à pátria. Continuando com essa ideia de espaço insular utópico, Fernando Pessoa, em *Mensagem*, apresenta “As Ilhas Afortunadas”, em cujos versos: “São terras sem ter logar,/ Onde o Rei mora esperando./ Mas, se vamos despertando,/ Cala a voz, e ha só o mar.” (PESSOA, 2016, p. 38), traduzem-se na esperança do futuro, viabiliza-se a crença no sebastianismo e na possibilidade do Quinto Império.

José Saramago, por seu turno, acentua uma reflexão acerca da existência e do desconhecido, por meio d’*O conto da ilha desconhecida*, revelando a busca e a construção da identidade do próprio homem, sendo ele a própria ilha, como pode ser verificado no excerto “é estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas, homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcamos nelas” (SARAMAGO, 1999, p. 18).

Evidentemente há outras ilhas na literatura. As mencionadas anteriormente servem de ilustração e, de algum modo, de referência àquilo que pretendemos na apreciação dos poemas de Al Berto e de Sophia Andresen. A partir dessas considerações levanta-se a hipótese central deste trabalho: na poesia de Al Berto e Sophia, ocorre o insulamento do próprio ser humano em si mesmo. Desdobrando-se ainda nos seguintes pontos: a) a imagem da ilha, quando usada por esses poetas, ganha um sentido simbólico imbuído de questões minadas pela tradição literária portuguesa; b) a viagem, o exílio e o retorno, são marcas prevaletentes nos versos al-bertianos e andresenianos; c) há a procura constante e o medo do desconhecido se pensarmos no isolamento desse eu lírico estabelecido nas páginas da literatura contemporânea.

As paisagens insulares

“Na época das grandes navegações, persistia a ideia do paraíso terreno, situado em alguma ilha remota nos confins do oceano” (DIEGUES, 1998, p. 175). Criam-se, com isso, lendas, mitos, histórias maravilhosas para tentar dar conta de uma explicação para essas terras flutuantes, isoladas nos oceanos, muitas vezes responsáveis pelas façanhas dos heróis marinheiros ao ultrapassarem o desconhecido. Carlos Diegues escreve ainda que todo esse ideário só pode ser compreendido:

[...] se integrado no discurso do maravilhoso e do fantástico que marca a cultura europeia dos séculos XVI e XVII, em que têm realce as ilhas tropicais.

Elas tinham povoado o imaginário ocidental desde a Antiguidade como lugares fora do comum e tinham sido finalmente descobertas. E a realidade parece mais surpreendente do que os escritores e poetas tinham imaginado: uma natureza generosa, um litoral banhado por mares cálidos; enfim, um lugar paradisíaco. A ilha tropical passou a pertencer ao conjunto do maravilhoso em que humanos, flora e fauna, maravilhas exóticas e estranhas aparecem aos olhos europeus como exemplos da grandeza de Deus (DIEGUES, 1998, p. 172).

Isso fez com a imagem da Ilha na literatura portuguesa fosse expressa, sempre ligada às questões das conquistas ultramarinas; ao medo do desconhecido, à ideia de paraíso na terra, local de encontro entre o divino e o carnal, assim como nos versos camonianos, por exemplo. Mas não fica somente nisso, já que outros poetas portugueses também se utilizaram desse elemento da natureza para fazer poesia.

Nos poemas de Al Berto esse *topoi* emerge marcado pelas insurgências de uma tradição impositora de processos culturais e do novo olhar que os poetas contemporâneos deitam a essa imagem, de modo especial quando revestida de simbolismos, tão bem ilustrados no poema longo intitulado “O mito da sereia em plástico português”:

[...]
 eu vi
 a sereia de plástico construir um país
 e um veleiro para se evadir na derecção doutras ilhas
 levando por bagagem os detritos dados-à-costa: *garrafas brancas de gin nocturno sapatos inchados panos preservativos usados cacos de louça embalagens carcomidas cartões de caixa ao vento velas da imensa jangada vestígios de comida rápida pentes vidros filmes madeiras fotografias que o tempo recusou morder*
 e navegou
 navegou demoradamente conheceu a sede e a fome
 o frio a neve de flutuantes ilhas alucinação
 [...]
 (AL BERTO, 2009, p. 86. Grifos do autor).

A crítica de cariz histórico-cultural revela o esgarçamento do ideário português carregado da supremacia de homens fortes, corajosos, viris, marinheiros couraçados de heroísmo em busca de novas terras, aventuras e riquezas. No poema tudo isso é trocado pelo que sobejou das coisas usadas pelas pessoas no dia a dia, lixo, destroços do passado, visto de outro ângulo como entulhos, vestígios do ser humano por onde passa.

Se nesse poeta a ilha surge como em sonhos, pesadelos refletidos na própria escrita, mas, principalmente como solidão, nos poemas de Sophia recebe um grau muito mais aproximado da realidade, principalmente de uma realidade histórica, como é o caso de

“Açores”: “[...] É o mar que traz / As ilhas na mão / Buscámos no mundo / Mar e maravilhas / Deslumbradamente / Surgiram nove ilhas [...]” (ANDRESEN, 2015, p. 649). Nas palavras de Márcia Helena S. Barbosa:

São o sentimento do eu lírico e o seu modo de ver, ouvir e dizer, bem como a memória do leitor – capaz de lembrar eventos históricos e, mais do que isso, de desenvolver as marcas da intertextualidade na poesia da escritora –, que permitem a este último seguir a poeta portuguesa nessa viagem pontuada por descobrimentos, por decepções e, também, por surpresas, que levam a alma, “atlântica” ou não, a exaltar-se (BARBOSA, 2011, p. 71).

Sendo assim, o olhar de ambos os poetas se direciona para o passado, ela confirmando as visadas do pretérito amplificando o processo de mitificação dos traços clássicos, enquanto ele se contrapõe, erguendo os estilhaços desse tempo, resgatando destroços da tradição para criar seus próprios mitos: mitos do presente. Sophia luta pela liberdade, critica as instâncias políticas e pontua pela via da intertextualidade, a (re)construção da história, da cultura, sem deixar de lado o amor pelos descobrimentos por intermédio das memórias da tradição portuguesa.

Al Berto abriga em si, enquanto poeta, a força e imposição do cânone, apesar de, o tempo todo, resvalar na desconstrução da nacionalidade, na subversão das imagens instituídas pela história da literatura. Em outras palavras, o símbolo do mar, da ilha, dos marinheiros, por exemplo, passa a signo e, portanto, tem o sentido simbólico esvaziado para tomar uma nova forma. Em outros termos, o símbolo é vivo enquanto expressa alguma coisa que não tem outra expressão a não ser essa, conforme se verifica na obra camoniana e de outros poetas da tradição. Portanto, o símbolo que encontrava sua expressão máxima n’*Os Lusíadas*, passa a se tornar signo na literatura portuguesa contemporânea, desfazendo-se na obra al-bertiana, e, na mesma medida, deixando de ser símbolo.

Nas bordas do mundo

O espaço constante na poesia de Al Berto é a praia, a orla da cidade, que pode ser entendida como uma espécie de insulamento, já que quem está na praia, encontra-se à margem da cidade e à beira do mar, nem lá, nem acolá, mas aqui. Outra possibilidade de interpretação impõe-se na medida em que se traz para reflexão a ideia do presentismo, em outras palavras, o mar seria o passado, a tradição: “penso *praia*, é o suficiente para que o mar se esboce” (ALBERTO, 2009, p. 375. Itálico do autor); a cidade, o futuro, a modernidade, o caos urbano: “Vejo

Lisboa ao anoitecer. Ao longe, a cidade estende-se a perder de vista: vias periféricas, engarrafamentos, hipermercados, bairros inacabados, pontes, tapumes...” (AL BERTO, 2009, p. 95); e a praia, esse entrelugar, no qual está o poeta, negando as demandas do pretérito e cético com a probabilidade de existência do futuro. No excerto de “O medo II”, verifica-se alguns desses sinais:

debruçado sobre esta paisagem de mar e de fulvas praias pode ser um homem feliz, mas não; esta paisagem é inquietante, é um destroço, está à beira de se transformar em poeira. quando a noite a envolve, mergulhando-a na treva, adquire aspectos fantasmagóricos (AL BERTO, 2009, p. 368).

Fica evidente o ar desassossegado que se instaura na perspectiva do eu lírico, sendo ele, ali, parte dessa paisagem “inquietante”; o lugar que deveria ser de felicidade, entretenimento ou mesmo de descanso e apreciação da natureza, não é assim mostrado, já que ele é negativado, entendido, por outro lado, como “destroço”, resto, detrito, o esgarçamento de uma ideia de chegada e de partida, de viagens e retornos, por estar “à beira de se transformar em poeira”, fazendo-nos nos lembrar a frase de Marx e Engels no *Manifesto comunista*, muito citada quando se trata de questões relacionadas com a dissolução de convenções: “Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusão a sua posição social e as suas relações com outros homens” (MARX E ENGELS, 1998, p. 43).

Esse mesmo elemento aparece nos poemas do primeiro livro de Sophia de Mello Breyner Andresen. Em “Mar”, por exemplo, há “Aquela praia extasiada e nua, / Onde me uni ao mar, ao vento e à lua”, já em “Meio-dia”, apresenta-se como “um canto de praia sem ninguém”, que tem como limite “o mar imenso solitário e antigo”; por seu turno em “Apolo Musageta”, vislumbra-se um porvir “Quando na praia sobe, de cinza e oiro, / O nevoeiro / E há em todas as coisas o agoiro / De uma fantástica vinda”; não se pode deixar de mencionar “Cidade” em cujos versos “Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas, / Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta, / Saber que existe o mar e as praias nuas”, ocorre o esgarçamento da paisagem urbana e a relevância da natureza.

A ideia da praia como espaço limítrofe (meio-dia) entre o pretérito (mar solitário e antigo) e o futuro (fantástica vinda) configura-se do ponto de vista de quem está em isolamento, buscando um sentido para as insurgências do mundo; no passado, os navegadores partiam da “ocidental praia lusitana”, deixando para trás a dor, o sofrimento, a ausência e o choro daqueles que aguardavam um retorno, como os filhos e as esposas dos marinheiros. Um dia eles

retornaram, não eram mais os mesmos, trouxeram na bagagem as experiências de fatalidades, o horror da viagem e o silêncio da perda, dando destaque sempre às conquistas. Na “Ode Marítima”, Fernando Pessoa expõe não somente o mar visto do cais, mas o outro lado dessa margem, construída pelo indefinido e pelo infinito futuro. Isso nos remete às palavras do ensaísta Eduardo Lourenço ao escrever que:

Mais uma vez terminada a aventura, desfeito o império da história, transformado numa mera carga de sonhos o precioso comércio do Oriente, restava-nos como herança um Portugal pequeno e um imenso cais, onde durante séculos relembramos a nossa aventura, numa mistura inextricável de autoglorificação e de profundo sentimento de decadência e de saudade. Não é por acaso que Pessoa lembra na “Ode Marítima” – epopeia melancólica do nosso tempo de império perdido – que “[...] todo o cais é uma saudade de pedra” (LOURENÇO, 2001, p. 58).

Dito dessa forma, empreende-se um percurso nas páginas de Al Berto e Sophia, observando-os a partir desse cais, trazendo esta última os códigos reelaborando o sentido da tradição greco-romana e amplificando-os na cultura portuguesa, enquanto aquele, desfaz esses mesmos códigos, dessimbolizando-os e resignificando-os como forma de pôr em suspensão a própria história, a política, a sociedade e as convenções.

O eu lírico em Sophia põe em prática um jogo cujas peças formatam-se a partir da reconstrução de uma realidade sentida pelo corpo, percebida pelos ouvidos, vista pelos olhos e colocada em apreciação; há uma tensão, muitas vezes causada pela imposição, invasão desses elementos em face à solidão, como se de um feixe se tratasse, a se infiltrar pelas demandas da subjetividade, fazer morada e de lá se distanciar no vislumbre do tempo.

Em Al Berto, “a realidade devorou o delírio” (AL BERTO, 2000, p. 43), a ponto de se encontrar em seus poemas um “corpo carbonizado que perdeu a nacionalidade” (AL BERTO, 2000, p. 53), em outras palavras, irrompe a sinergia entre o corpo que foi ao caos, buscou simetria e habitou o sonho, retornou sabedor das experiências para além desse mesmo corpo, e a invasão da força de uma natureza, nesse caso, fragmentada ou fragmentária, já que o tempo todo há a procura por peças de um quadro formatado por imagens do passado, mas que tendem a ganhar nova roupagem quando tratado pelo poeta.

A casa como ilha

A ilha é cercada pelo mar que a separa de outras ilhas e a afasta de outros lugares; no caso da casa, há, muitas vezes, um muro que a cerca, protegendo quem ali mora, aprisionando quem a habita, espaço em que a subjetividade é levada a todas as potências do humano. Diferentemente da ilha no quesito comunicação, por ter acesso rápido ao universo por vários meios, já que na ínsula o acesso é somente pelo ar ou pelas águas, a casa resgata relações familiares, acomoda instâncias fraternas e resguarda a solidão de quem escreve, a solidão do poema.

Um fator importante quando se pensa a poesia de Al Berto e Sophia, principalmente ao refletir sobre o espaço doméstico é a presença do jardim (no caso dele, do horto de incêndio), além da menção feita à praia, sem deixar de lado a constante referência à imagem do mar e as interferências da cidade na vida desses dois poetas. “casa” é o nono poema do livro *Horto de Incêndio*, contido na reunião intitulada *O medo*; nesse texto, há um ambiente pairando o obscurantismo, um lugar desassossegado, permitindo-nos inferir sobre a própria vida desassossegada do eu lírico, como se pode ver a seguir:

casa

durante a noite
a casa geme agita-se aquece e arrefece
no interior frio do olho da tua sombra sentada
na cadeira aparentemente vazia

esperas acordado sem sono
que a temperatura da casa funda
com a temperatura incerta do mundo
depois
escreves exatamente isto: o horror dos dias
secou contra os dentes – e rouco
dobrado para dentro do teu próprio pensamento
ferido
atravessas as sílabas diáfanas do poema

levantas-te tarde
atordoado
para extinguires o lume ateadado
junto à memória da casa – respiras fundo
para que o gelo derreta e afogue
a vulgar noite do mundo

olhas-te no espelho
atribuis-te um nome um corpo um gesto

dormes
 com a árvore de saliva das ilhas – com o vento
 que arrasta consigo esta chuva de fósforo e
 estes presságios de tranquilos ossos
 (AL BERTO, 2009, p. 613)

A personalização da casa transmite a sensação de solidão e companhia. O eu poético parece estar sendo impregnado pelo pânico e obstinado a pôr em versos esses sentimentos. Além de tudo isso, parece arquitetado num isolamento, reconhece o anonimato, principalmente ao se ver no espelho; é como se o mundo estivesse o assolando e a casa fosse o lugar de esconderijo, onde pode escrever, mesmo atordoado, pondo em prática seu ofício.

Mais uma vez o ambiente obscuro, o ar sombrio, o terror da noite, se apresentam no instante em que ocorre um insulamento intelectual, uma fuga da realidade. A casa, por mais que seja esse lugar de morada também é onde tudo acontece, sendo ela, portanto, a única parceira do poeta. O local sofre uma espécie de mutação para assim estar propícia ao delírio, represando instantes de agonia por restaurar memórias dos horrores dos dias.

A casa de Sophia de Mello Breyner Andresen está marcada pelos resquícios do passado, configura-se pela instauração das ruínas da mente como meio para resgatar as lembranças. Vejamos:

Casa

A antiga casa que os ventos rodearam
 Com suas noites de espanto e de prodígio
 Onde os anjos vermelhos batalharam
 A antiga casa de inverno em cujos vidros
 Os ramos nus e negros se cruzaram
 Sob o íman dum céu lunar e frio
 Permanece presente como um reino
 E atravessa meus sonhos como um rio
 (ANDRESEN, 2015, p. 494)

Esse espaço guarda em si instantes vividos pelo eu lírico, parece que há um retorno, ao lugar da infância, tempo atravessado por noites de espanto e de prodígio. O ar maternal se estabelece no texto como do berço que embala ou do ventre que serve de abrigo, dando-nos o entendimento de um processo de regressão, quando cada objeto, partes, móveis, cantos, fossem renascendo aos poucos, melancolicamente.

A janela é a abertura da casa que suscita reflexão, onde o ser humano se debruça para ver as estrelas, abre para sentir o vento, atravessa para enxergar o mundo lá fora. Essa parte da

casa aparecerá em toda a obra poética de Sophia ora sendo o observatório, ora o canal pelo qual se pode ver a natureza, a cidade, a praia, e obter o contato com aquilo que está para fora dos limites da parede, assim descrito no poema “Noite”: “Sozinha estou entre paredes brancas / Pela janela azul entrou a noite / Com seu rosto altíssimo de estrelas” (ANDRESEN, 2015, p. 362).

Al Berto aguarda o visitante noturno, só que dessa vez, pela porta, mesmo sabendo que não virá. É a solidão que marcará os últimos poemas publicados em vida pelo poeta, exemplo disso, verifica-se nos ousados versos de “Sida”: “aqueles que têm nome e nos telefonam / um dia emagrecem – partem / deixam-nos dobrados ao abandono / no interior duma dor inútil muda / e voraz (AL BERTO, 2009, p. 620).

A cidade insuladora

Al Berto pode ser considerado um poeta do urbano, mais especificamente do espaço noturno, daquele que esconde nas vielas os mistérios, lugar de uma sociedade que sobrevive num mundo tido por *underground*, onde pode ser encontrado o “último habitante da parte mitológica da cidade”; o qual Eduardo Prado Coelho dizia ser “o mais delicado dos marginais, o mais profissional dos rebeldes, o mais soberano e leve habitante da noite”, além de estar ainda, segundo o ensaísta, “à margem das instituições” (COELHO, 2001, p. 12).

É desse mesmo espaço que se pode perceber o instante da solidão da escrita do poeta, porque é quando “tudo vem ao chamamento – os lobos/ os anões as fadas as putas as bichas e/ a redenção dos maus momentos” (AL BERTO, 2000, p. 59) e se instalam no discurso poético como se de um grito que ecoa contrário à tradição se tratasse. Portanto, as imagens, os símbolos e os códigos do passado são invocados por outro povo, instalando-se com isso, já que se tem um processo de (des)identidade, uma nova nação, composta por seres esquecidos, deixados nos rés-do-chão da história oficial.

A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen também trata de questões relativas à cidade. Há em muitos textos uma cidade envolvida pelas ruínas, murmúrios, movimentos, o caos construído em tempos de uma modernidade que se esgarça, principalmente quando posta em oposição à intrusão da natureza, produzindo, de tal forma, uma tensão capaz de resvalar nas

atitudes do eu lírico diante do mundo. Trazemos, então, um excerto do poema “Cidade” para análise:

Cidade

Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas,
Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta,
Saber que existe o mar e as praias nuas,
Montanhas sem nome e planícies mais vastas
Que o mais vasto desejo,
E eu estou em ti fechada e apenas vejo
Os muros e as paredes, e não vejo
Nem o crescer do mar, nem o mudar das luas.
Saber que tomas em ti a minha vida
E que arrastas pela sombra das paredes
A minha alma que fora prometida
Às ondas brancas e às florestas verdes.
[...]
(ANDRESEN, 2015, p. 67)

A dinamicidade da vida urbana com o vai e vem das pessoas nas ruas, a circulação dos transportes, se integram ao olhar de quem se afasta e consegue ver em perspectiva generalizada, a hostilidade desse mesmo movimento. Pode-se apreender um eu lírico extenuado por essa mesma dinâmica da cidade, que por ser assim, agitada, faz com que se tranque em casa, na tentativa de afastamento de tudo. A percepção da natureza parece lembrar que todo esse rumor das ruas tentou tomar o lugar na vida e convivência de quem está em isolamento nos quatro cantos das paredes de concreto.

Há, parece, o impedimento do contato com o externo que não seja as badaladas cenas da moderna situação da cidade. No entanto, o eu poético sabe que existe algo além das paredes e do muro, que a alma “... fora prometida / Às ondas brancas e às florestas verdes”. A falta de acesso a essa promessa faz-nos entender que a cidade impõe um insulamento, configurado como um aprisionamento, marcando o cotidiano pela perda da vida em contato com a natureza.

Considerações finais

Gastão Cruz, ao escrever sobre a poesia de Sophia e da ligação dessa com as coisas do mundo, diz que “Cada palavra transporta o peso do mundo, porque tem a responsabilidade, a missão (que são do poeta, naturalmente) de nomeá-los” (CRUZ, 2008, p. 167); “É nessa medida que o encaminhamento do poema para o mundo é apresentado, sem contradição, como uma

aproximação à poesia” (MARTELO, 2010, p. 41), afirmará Rosa Maria Martelo ao tratar da experiência do mundo e da experiência da poesia no processo criativo andreseniano. Insiste-se nessas conjecturas por compreendermos as palavras, a linguagem, o poema como uma forma de insulamento, sobretudo quando se tem a força do humano aprisionado nos versos à espera de alguém para libertá-lo, no aguardo do leitor de poesia.

Essa questão do peso do mundo fica evidente na poesia de Al Berto quando o eu lírico reflete sobre a criação de textos, sobre a escrita de um livro:

definha-se texto a texto, e nunca se consegue escrever o livro desejado, morre-se com uma overdose de palavras, e nunca se escreve a não ser que se esteja viciado. morre-se, quando já não é necessário escrever seja o que for, mas o vício de escrever é ainda tão forte que o facto de já não escrever nos mantém vivos. morre-se de vez em quando, sem que se conheça exatamente a razão, morre-se sempre sozinho (AL BERTO, 2009, p. 369).

Como pôde ser visto, ambos os poetas têm um compromisso com a escrita e fazem jus à sua participação no mundo. A sobrevivência na escrita ou morte a cada livro escrito, revela a solidão, o isolamento, o afastamento, mas também demonstra a capacidade de reinventar o mundo a partir de seus espaços, angariando maneiras de dizer as coisas sob um ângulo do insulamento por melhor enxergar o que se passa no universo.

A ilha, do latim *insula -ae*, é um espaço cercado de águas por todos os lados, mas que quando recebe um sentido simbólico amplifica seu significado, podendo ser, como vimos na leitura da produção poética de Al Berto e Sophia, entendida como a praia, a casa, a cidade, o próprio ser humano e o texto, sendo, portanto, um livro de poemas, um arquipélago de sensações que se ligam de forma interinsular no contato do leitor com cada verso.

Referências

AL BERTO. *Horto de incêndio*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

AL BERTO. *O medo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

BARBOSA, Márcia Helena S. Navegação sem mapa: a história na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. In. ALVES, Ida, MAFFEI, Luís [Orgs.]. *Poetas que interessam mais: leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011. p. 59-71.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, vol. III. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva... [et al.]. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COELHO, Eduardo Prado. Pensar a ausência de Al Berto. In. *Al Quimias: Al Berto – as imagens como desejo de poesia*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes, 2001.

CRUZ, Gastão. *A vida da poesia: textos críticos reunidos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

DIEGUES, Antônio Carlos. *Ilhas e mares: simbolismos e imaginários*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTELO, Rosa Maria. *A forma informe: leituras de poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boi Tempo, 1998.

PESSOA, Fernando. Mensagem. In: *Obra poética*, vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

Recebido em: 27/02/2023.

Aceito em: 26/09/2023.